

## Sobre a destruição das realidades construídas

A vida moderna é um processo constante de construção e desconstrução da realidade, das narrativas que inventamos para nós mesmos, enfim, de nossa concepção de mundo. Se, de um lado, temos uma tentativa do indivíduo de construção de esquemas compartimentalizados, de realidades subjetivas, de hábitos consolidados, de outro, temos uma verdadeira avalanche de possibilidades que parece destruir os primeiros tão logo sejam finalizados.

Tal movimento foi, ao meu ver, um ponto de conexão entre todas as atividades realizadas na disciplina até o presente momento. Começamos com a análise desse conceito com a noção de convivência no espaço urbano, por meio dos filmes *Medianeras* (Gustavo Taretto, ARG, 2011) e *O homem ao lado* (Gastón Duprat/Mariano Cohn, ARG, 2009). Ambos têm como temática os pontos de tangência das realidades subjetivas individuais, das diversas formas de organização do mundo. No primeiro filme, seguimos um jovem casal em potencial, o qual se forma efetivamente ao final do filme por meio de um randômico ponto de contato entre suas rotinas estabelecidas. Vemos, portanto, que o sistema fechado construído pelos personagens se abre possibilitando novas construções futuras através do acaso, do imprevisível.

Uma dinâmica similar é encontrada no filme *O homem ao lado*. Neste caso, temos uma tensão entre dois modelos de mundo: o mundo concreto, previsível e organizado representado pela casa de LeCorbusier e seu habitante; e o mundo maleável, plástico e improvisado do vizinho. Mas mais além disso, podemos ver novamente um movimento de ordem, caos e organização (ou adaptação) tão comum no mundo moderno. Este movimento também se faz notar na própria organização das cidades, que figem de seus contornos

planejados, exatos ,definidos para se tornarem um organismo com suas próprias vontades, que a levam para um desenvolvimento que nem mesmo os melhores urbanistas podem controlar. Surge aí uma nova forma de organização dinâmica, que escapa às previsões.

Passamos então, num segundo momento do debate, ou seja, para uma segunda aula. Desta vez, houve a apresentação do filme *Playtime* (Jacques Tati, FRA, 1967). Neste, vemos novamente a tensão da modernidade, das tentativas de construção de uma realidade sólida, concreta, a qual acaba se desfazendo em meio a um turbilhão de acontecimentos e situações que leva, no filme a um contraste cômico entre a moderna arquitetura e planejamento urbanístico dos prédios em conjunção com uma visão futurística da vida, com novas invenções e a conexão entre povos de diferentes partes do mundo, e o caos que impra uma vez que a noite cai e essa ilusória ordem do mundo se esvai.

Esta sensação está presente também nos dois textos indicados<sup>1</sup>: no texto de Marshall Berman, *Modernidade- ontem, hoje e amanhã*, vemos essa tensão como uma força que conduz o pensamento sobre a modernidade, desde suas raízes até tempos mais recentes, mostrando diferentes alternativas encontradas para a aparente, e eu diria até ilusória, captura da condição humana na atmosfera de constante transição e alteração dos tempos modernos. Uma outra tentativa de se compreender o incompreensível parte de Nicolau Sevcenko, que em sua analogia com o trajeto de uma montanha russa, apresenta a análise crítica como uma possibilidade de apreensão da realidade mutante encarnada nos avanços tecnológicos. Crítica e tecnologia estariam ligados, deste modo, por uma relação de simbiose.

Um outro filme indicado, *Her* (Spike Jonze, EUA, 2013), nos apresenta essa temática a partir de uma história na qual os avanços tecnológicos e as capacidades de digestão de suas consequências pela sociedade têm um papel central. O filme trata da invenção de uma inteligência artificial

---

1 BERMAN, Marshall. "Introdução: Modernidade – ontem, hoje e amanhã". In: Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; SEVCENKO, Nicolau. "Introdução". In: A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

verdadeiramente humana e das dificuldades da sociedade em lidar com o novo fenômeno tecnológico.

O enredo de *Her* está bastante próximo do filme *Blade Runner* (Ridley Scott, EUA, 1982), indicado como texto complementar da terceira aula. Temos aí uma distopia, na qual os avanços tecnológicos na área de inteligência artificial causam conflitos e dúvidas existenciais, os quais não podem ser plenamente compreendidos pelos personagens. Haveria aí um descompasso entre técnica e crítica?

O filme principal da aula, *Fausto* (Alexander Sokurov, RUS, 2011), lida também com a impossibilidade de controle da realidade pelo personagem principal, que se vê sendo levado pelas circunstâncias acidentais da vida. Retornamos, assim, à argumentação primeira deste texto: a vida moderna é um constante processo de construção de realidades presentes, passadas e futuras, que são, inevitavelmente, destruídas. No texto de Merleau-Ponty<sup>2</sup>, temos a referência a o que Émilie Bernard chamou de o suicídio de Cézanne: " ele visa a realidade e proíbe-se os meios de alcançá-la". Na minha humilde opinião, baseada naquilo que foi visto em aula, este pensamento parece ter uma falha: mais do que *proibir-se os meios* de alcançar a realidade, o homem moderno não tem condições de acessar esses meios, pois eles, tanto quanto a realidade que nos cerca são mutáveis, desmancham-se no ar.

---

<sup>2</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. "A dúvida de Cézanne". In: O olho e o espírito. São Paulo: Cosac Naify, 2004.